

Jeans ecológico e casaco de vison dividem a passarela

Bio Denim aproveita resíduos da produção de outros tecidos e utiliza sumo de batata na goma

Alexandra Farah

afarah@brasileconomico.com.br

Na passarela de Nova York, a modelo exibe a roupa que representa a polaridade do inverno 2010: casaco de pele de vison e calça jeans ecológica. Parece antagonismo fashion, mas é o desfile de Carlos Miele refletindo um momento muito atual da moda. Hoje, o tradicional e o moderno andam de mãos dadas. De tradição, temos a retomada das peles — falsas e verdadeiras. De novidade, a revolução nos processos de tecelagem.

Um importante avanço é o desenvolvimento da gigante do denim mundial, a Tavex, que tem entre os acionistas o grupo brasileiro Camargo Corrêa. Em parceria com o estilista brasileiro, a marca acaba de lançar denim produzido com resíduos da fabricação de outros tecidos. Como o Bio Denim reaproveita as sobras, não é feito exclusivamente com algodão orgânico, mas é revolucionário por unir o que há de mais atual na tecelagem consciente. A goma, que recapa os fios, é a base de sumo de batata, mais biodegradável que o amido de milho, normalmente utilizado.

O mercado do jeans é gigante. Só a Tavex, que domina 11% do setor mundial, faturou ano passado mais de € 350 milhões e produziu 185 milhões de metros, em suas 10 fábricas em três continentes. A Tavex Corporation é união da Tavex (criada na Espanha em 1846) e

Jeans orgânico só tende a crescer, pois poupa a saúde dos agricultores e também ajuda a balança comercial, diz o gerente de tecnologia da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções, Sylvio Napoli

da Santista Têxtil (empresa brasileira nascida em 1929).

Em 2009, estima-se que foram produzidos 226,7 bilhões de peças jeans, movimentando cerca de R\$ 8,2 bilhões no Brasil. Cada brasileiro possui cerca de 10 calças. O jeans orgânico, apesar de ser um caminho sem volta, ainda tem produção irrisória. Na América do Sul, não chega a 2% do total. No Brasil, de 1 milhão de toneladas de algodão, apenas 120 toneladas são orgânicas.

Para o engenheiro Sylvio Napoli, gerente de tecnologia da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), o jeans orgânico só tende a crescer pois poupa a saúde dos agricultores e também ajuda na balança comercial. “O Brasil importa grande parte dos agrotóxicos e fertilizantes usados nas plantações do algodão”, diz.

Nos anos 90, antes de ter a Carlos Miele e a Miele Jeans, o estilista, pioneiro no tema, desfilava suas criações ecológicas pela M.Officer. Em 1995, produziu calças com jeans Tencel, com fibras obtidas da celulose da polpa da madeira. Outras alternativas foram testadas como o Alya-ECO, de 2001, com fibras de garrafas PET e o Organic Denim em 2008, que não utiliza água no processo de lavagem.

Miele diz que o que mais o atrai no tecido é a característica sócio-ambiental. “Além de biodegradável, o consumo apóia o desenvolvimento de cerca de 700 famílias que cultivam o cupuaçu na Amazônia”. ■

Copa do Mundo e Gisele Bündchen embarcam na onda ecológica

A próxima Copa de Mundo, na África do Sul, vai ser a mais ecológica. A Nike desenvolveu uniformes de dez seleções (entre elas, Brasil, Holanda e Inglaterra) com poliéster reciclado de garrafas PET. Cerca de 8 garrafas são utilizadas para uma camiseta, reduzindo em 30% o consumo de

energia. Gisele Bündchen também marca gol na área. A modelo lançou recentemente para venda on-line nos EUA a linha Sejaa Pure Skincare, de cremes e máscaras de beleza, usando apenas ingredientes naturais e embalagens recicladas. Na moda, a consciência eco chega

também à grande rede fast-fashion. A H&M anunciou na semana passada a linha “The Garden Collection”, de vestidos, tops e jaquetas feitas exclusivamente de algodão e linho orgânicos e da fibra Tencel, de celulose desenvolvida a partir da polpa de madeira. **A.F.**

